ISSN: 2358-8829

FANZINES E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ESPAÇO ESCOLAR

Anna Raquel dos Santos Silva [1]
Alisson Bruno da Silva Matias [2]
Maria de Lourdes Januário [3]
Dr. Sílvio César Lopes da Silva [4]
Dra. Jussara Natália M. Belens de Melo [5]

INTRODUÇÃO

O racismo constitui uma dimensão histórica das relações sociais brasileiras, gerando efeitos que ultrapassam manifestações individuais e alcançam as instituições, as práticas sociais, as representações culturais e o acesso a direitos. Nesse cenário, a escola assume um papel fundamental na construção de conhecimentos e atitudes voltados ao reconhecimento da diversidade étnico-racial e à problematização das desigualdades, integrando a formação de valores, identidades e modos de convivência. Discutir essas relações no espaço escolar possibilita reconhecer a presença histórica e contemporânea da população negra, questionar estereótipos e compreender as diversas faces do racismo.

Essa discussão dialoga com as condições contemporâneas de constituição das identidades juvenis. Embora Zygmunt Baumann (2001), ao teorizar sobre a modernidade líquida, não trate especificamente das relações étnico-raciais, suas reflexões sobre as transformações nos vínculos sociais e nas formas de pertencimento ajudam a compreender o contexto em que os jovens constroem suas identidades e atribuem sentidos às experiências sociais. Nesse horizonte, as atividades autorais favorecem a expressão de

[1] Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual - PB. anna.raquel@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual - PB. alisson.matias@aluno.uepb.edu.br;
[3] Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual–PB. maria.lourdes.januario@aluno.uepb.edu.br;
[4] Doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da rede estadual de ensino do estado da Paraíba. lopes.silvio@servidor.uepb.edu.br;
[5] Doutora em educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Ciências Sociais da UEPB. sarademelo68@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

percepções que frequentemente não emergem em práticas centradas de forma exclusiva na escrita formal.

No plano normativo, a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008 tornaram obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, diretrizes complementadas pela Resolução CNE/CP n° 1/2004 e respaldadas pela instituição do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra como feriado nacional por meio da Lei nº 14.759/2023 (BRASIL, 2003; 2004; 2008; 2023). A efetivação dessas normas depende de práticas pedagógicas intencionais e de articulações curriculares que encontram eco nas orientações da Rede Estadual da Paraíba para 2025 e em mobilizações locais, como a Semana da Consciência Negra em Campina Grande.

É nesse contexto que se insere a oficina "Fanzines e Consciência Negra: Trajetórias de Resistência", realizada por meio do PIBID na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (CAIC) José Joffily, situada no bairro das Malvinas, em Campina Grande (PB), cadastrada no INEP sob o código 25070703. A instituição ocupa um prédio concebido no início da década de 1990 no âmbito do programa nacional dos CAICs, com projeto arquitetônico associado a João da Gama Filgueiras Lima (Lelé).

Conforme os dados do Censo Escolar de 2025, a escola registra 357 matrículas distribuídas entre os anos finais do Ensino Fundamental (55), o Ensino Médio (261), a Educação de Jovens e Adultos EJA (41) e a educação especial exclusiva (13), organizadas em 15 turmas, com média de 23,8 alunos por turma. O perfil discente aponta expressiva diversidade racial e etária, destacando 72,3% de estudantes autodeclarados pardos e predominância da faixa etária entre 15 e 17 anos. O quadro docente é composto por 22 profissionais com formação superior e ampla pós-graduação, sob a liderança de uma gestão habilitada.

A investigação de campo complementou os registros oficiais ao identificar que os estudantes provêm majoritariamente do entorno e que a instituição oferta o ensino regular diurno e a EJA no período noturno (com ciclos IV, V e VI estruturados de segunda a sexta-feira). No tocante à infraestrutura, embora o Censo Escolar de 2025 aponte carências defasadas pelo período de coleta, a realidade física da escola foi profundamente transformada por uma ampla intervenção do Governo da Paraíba, com as novas instalações do complexo educacional oficialmente entregues em 13 de outubro de 2025,

ISSN: 2358-8829

dispondo agora de doze salas de aula, laboratórios especializados, auditório, biblioteca e ginásio.

Em termos de desempenho, a instituição registrou, em 2024, taxas de aprovação de 83,3% no Ensino Fundamental e 67,7% no Ensino Médio, além de índices como o IDEB de 3,6 (2023) e médias no ENEM 2024 que alcançaram 500,9 pontos gerais e 590,6 na redação. Metodologicamente, ressalta-se que eventuais discrepâncias entre os registros estatísticos e as informações levantadas em campo — a exemplo da estimativa de 950 estudantes na rotina diária frente às 357 matrículas oficiais do INEP — devem ser contextualizadas com prudência.

Por fim, ancorando a intervenção pedagógica, o fanzine é compreendido como um meio de expressão cultural independente que articula escrita, desenho, colagem e imagem, ampliando a autoria estudantil (Magalhães, 2020). Essa abordagem dialoga com a premissa freiriana de que a educação exige a criação de condições para a produção autônoma do conhecimento, permitindo que o aluno transite da condição de receptor para a de autor (Freire, 1996). Desse modo, este estudo objetiva analisar a referida oficina, compreendendo os sentidos atribuídos pelos estudantes às temáticas de racismo, identidade negra e resistência, e refletindo sobre as potencialidades e limites do fanzine como ferramenta de educação antirracista.

METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa, voltada à compreensão dos sentidos e significados produzidos pelos sujeitos em uma experiência pedagógica (MINAYO, 2014), e utiliza o estudo de caso como estratégia, por concentrar-se em uma experiência específica e contextualizada (YIN, 2015).

Foram utilizados elementos de observação participante e análise documental. Os pesquisadores participaram da organização, mediação e acompanhamento da oficina, observando a participação dos estudantes e analisando as produções elaboradas. A atividade ocorreu em 2025, no âmbito do PIBID, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (CAIC) José Joffily, envolvendo turmas do 8º ano do Ensino

ISSN: 2358-8829

Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, nos turnos da manhã e da tarde, com participação do professor supervisor e dos licenciandos bolsistas do Programa de Iniciação a Docência - PIBID de Sociologia.

Após momentos de exposição e diálogo sobre consciência negra, racismo, identidade, cultura afro-brasileira e relações étnico-raciais, os estudantes produziram fanzines utilizando textos, desenhos, imagens e recursos gráficos. Foram produzidos 74 materiais. Destes, nove foram selecionados intencionalmente, correspondendo a aproximadamente 13,51% do conjunto, considerando diversidade temática e formas de representação.

Os fanzines foram tratados como documentos pedagógicos e analisados em seus elementos textuais e visuais. A análise dialoga com Freire (1996), Carneiro (2018), Gonzalez (2018), Crenshaw (2002), Bourdieu e Passeron (2014), Baumann (2001), Bambirra e Lisboa (2019), Acosta (2019), Magalhães (2020) e Ribeiro (2017). Baumann é utilizado especificamente para pensar identidade, pertencimento e transformações sociais contemporâneas, sem atribuir à modernidade líquida a explicação do racismo. Também foram considerados a Lei nº 10.639/2003, a Lei nº 11.645/2008, a Resolução CNE/CP nº 1/2004 e documentos educacionais da Paraíba e de Campina Grande.

Para preservar os participantes, os estudantes não são identificados nominalmente, sendo suas produções referidas por códigos, como “Aluno”, “Aluna” e “Estudante”.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação antirracista parte do reconhecimento de que as desigualdades raciais não decorrem apenas de comportamentos individuais. Carneiro (2018) contribui para compreender mecanismos sociais de produção e manutenção dessas desigualdades, enquanto Gonzalez (2018) evidencia articulações entre racismo, sexismo e classe. Crenshaw (2002) amplia essa discussão por meio da interseccionalidade, permitindo compreender a atuação articulada de diferentes formas de desigualdade. Bambirra e Lisboa (2019), por sua vez, contribuem para o debate sobre feminismo negro, interseccionalidade e perspectiva descolonial.

ISSN: 2358-8829

No campo educacional, Bourdieu e Passeron (2014) permitem problematizar a reprodução de desigualdades por meio da valorização desigual de conhecimentos e disposições culturais. Em contraponto, Freire (1996) compreende o estudante como sujeito do processo educativo e defende práticas que criem condições para a produção do conhecimento a partir da leitura crítica da realidade.

O fanzine aproxima-se dessas perspectivas por constituir linguagem independente que combina texto, imagem, desenho e colagem. Magalhães (2020) destaca suas possibilidades educacionais, enquanto Acosta (2019) evidencia seu potencial para a expressão das culturas juvenis em atividades de Sociologia. Ao produzir um fanzine, o estudante realiza escolhas sobre conteúdo, linguagem, imagens e organização, exercitando autoria e articulando conhecimentos escolares à leitura de mundo.

Baumann (2001) contribui complementarmente para compreender a construção contemporânea das identidades e dos pertencimentos juvenis em contextos de transformações sociais. Ribeiro (2017) também auxilia na discussão sobre lugar de fala, especialmente quanto às possibilidades de expressão de sujeitos e experiências sociais. Assim, o referencial articula educação, desigualdade, identidade, interseccionalidade, juventudes e autoria, sem reduzir o racismo a uma única dimensão explicativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 74 fanzines apresentaram diferentes abordagens da consciência negra, destacando combate ao racismo, identidade negra, resistência, desigualdade social, representatividade, diversidade, família e comunidade. Não se pretende afirmar que todos os estudantes apresentavam a mesma compreensão ou que a oficina produziu transformação homogênea; os materiais registram diferentes formas de apropriação da

temática no contexto da atividade. Aqui estão os dez fanzines avaliados profundamente, como uma parte do todo.

Figura 01: “NEGRA! Consciência” Figura 02: “VIDAS” Figura 03: “DIVERSIDADES”







Fonte: Acervo dos autores (2025) Fonte: Acervo dos autores (2025). Fonte: Acervo dos autores (2025).

A Figura número 1, apresenta a silhueta de uma mulher negra com cabelo black power, utilizando elementos visuais associados à afirmação da identidade negra. A representação valoriza uma estética historicamente submetida à desvalorização social e estética, podendo ser relacionada às discussões de Carneiro (2018) sobre desigualdade e valorização da população negra.

O 2° fanzine apresenta a palavra “VIDAS”, um punho negro rompendo correntes e a frase “É chegada a hora de tirar nossa máscara das tranças da injustiça social”. As correntes remetem à escravidão e à resistência, mas a referência à injustiça social amplia o sentido para além do passado escravista.

O 3° Fanzine reúne personagens de diferentes características — mulher negra, mulher branca, criança e mulher idosa — representados conjuntamente e abraçados. A pluralidade produz uma mensagem de convivência e valorização das diferenças. Essa imagem permite uma aproximação exploratória com Crenshaw (2002), ao possibilitar pensar a presença simultânea de marcadores como raça, gênero e idade, embora o fanzine

ISSN: 2358-8829

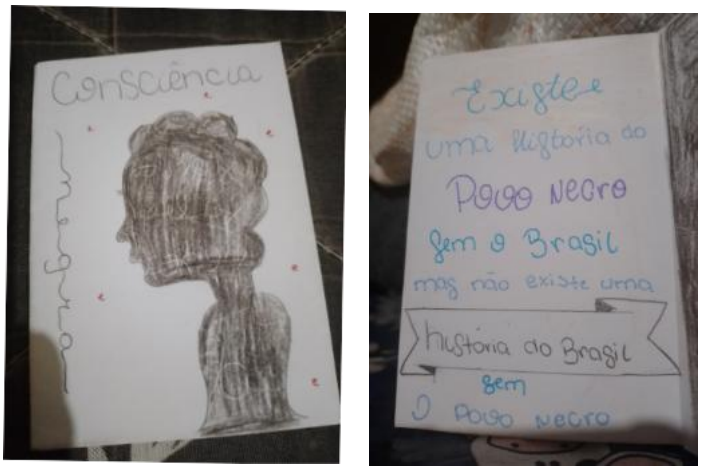
não desenvolva conceitualmente a interseccionalidade. Sua principal contribuição está em transformar visualmente a diversidade em situação de aproximação e convivência.

Figura 04:““POR QUE ME ODEIA?”



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 05: “CONSCIÊNCIA NEGRA”



Fonte: Acervo dos autores (2025).

O 4° fanzine aborda uma situação de racismo vivenciada por uma criança, seus efeitos emocionais e elementos relacionados à família, conscientização e direitos. A pergunta “Por que me odeia?” desloca a discussão para a experiência subjetiva da vítima, apresentada como sujeito que busca compreender uma violência sem justificativa em suas características individuais.

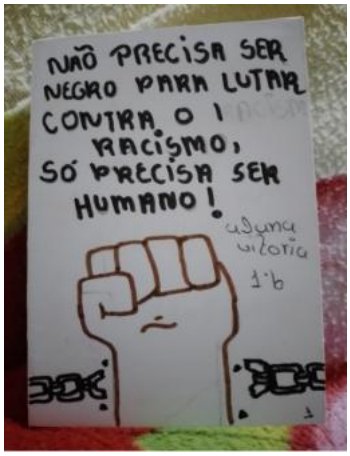
A produção dialoga com Carneiro (2018) sobre os efeitos sociais do racismo e com Freire (1996) sobre a importância de partir da realidade concreta. A presença da família amplia o enfrentamento para além da responsabilidade individual, envolvendo relações familiares, escolares e sociais. A experiência evidencia ainda que pertencimento e reconhecimento social são atravessados por relações de poder e classificações sociais.

O 5° fanzine associa diretamente consciência negra à valorização da cultura, história e identidade negra, relacionando-se às determinações legais sobre o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2003; 2008).

A produção permite retomar que a consciência negra não deve ser reduzida à comemoração de uma data. Embora o 20 de novembro tenha sido incluído no calendário escolar pela Lei nº 10.639/2003 a educação antirracista exige continuidade e integração

curricular. Assim, a data pode funcionar como ponto de partida para uma discussão permanente.

Figura 06: Não precisa ser negro



Fonte: Acervo dos autores (2025)

Figura 07: Caminho Forçado



Fonte: Acervo dos autores (2025).

A figura 6 apresenta o combate ao racismo como uma responsabilidade coletiva, destacando que seu enfrentamento não deve ser atribuído exclusivamente à população negra. A produção dialoga com Freire (1996), ao favorecer uma reflexão crítica sobre a realidade social, e com Carneiro (2018), ao considerar o racismo como uma questão que

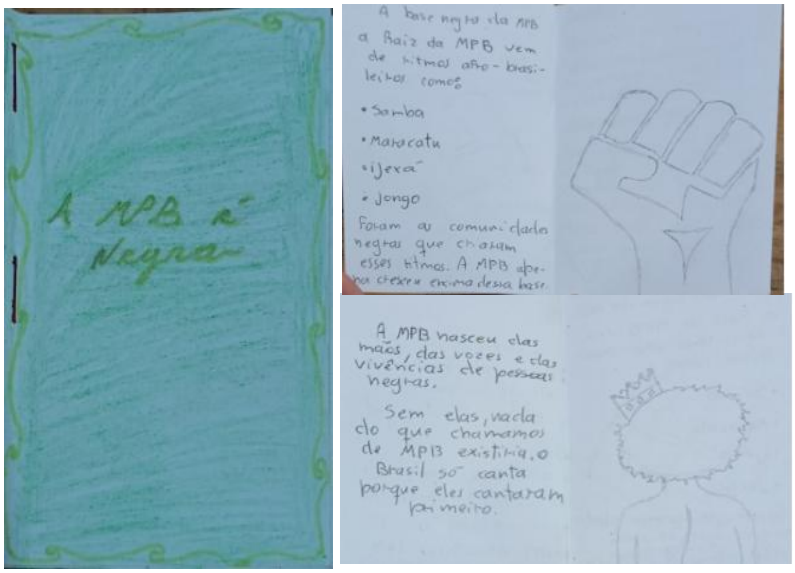
ultrapassa atitudes individuais. O 7° fanzine relaciona racismo, desigualdade social e dificuldades de acesso à educação e ao trabalho.

Figura 08: Negro é Resistência.



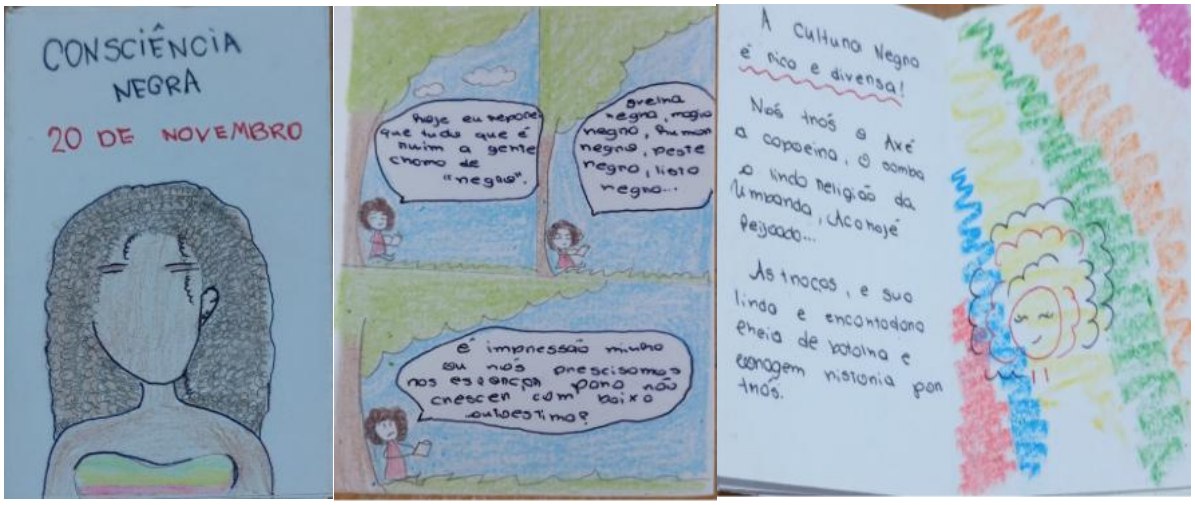
Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 09: A MPB é Negro.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Figura 10: Consciência Negra.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Na figura 08 podemos observar a expressão que a estudante utilizou, se referindo ao cabelo crespo e cacheado como uma forma de resistência, retratando- o como uma

ISSN: 2358-8829

coroa, diante de uma sociedade tão racista, onde durante muito tempo o cabelo natural crespo/cacheado foi visto como uma chacota.

Na figura 09 o estudante buscou trazer escritos e desenhos, enfatizando o cabelo como um orgulho, e a questão da herança na música brasileira, retratando e trazendo reconhecimento das origens do Música Popular Brasileira - MPB, que vem do Samba, Maculelê, Ijexá e Jongo, onde o MPB tomar como base e se torna um patrimônio brasileiro.

A figura 10 vem falando sobre a Consciência Negra, como uma forma de reconhecimento do que é ser negro, e o que pode ser associado a isso, a aluna reconhece que nós crescemos em uma sociedade que desvaloriza tudo que vem do negro, e enfatiza que precisamos mudar isso, pois nossas origens são negras, e nossa cultura é rica e diversa graças a isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as produções reforçam os temas identidade, resistência, diversidade, combate ao racismo e desigualdade. A experiência pedagógica dialoga diretamente com o cenário de mobilização em Campina Grande, marcado pela Semana da Consciência Negra e pelo lançamento do Protocolo Antirracista da Rede Municipal em novembro de 2025. Embora a oficina tenha ocorrido na rede estadual, a articulação contextualiza o compromisso da cidade com a pauta.

Os resultados demonstram que, embora uma oficina isolada não tenha o condão de transformar por si só as dinâmicas raciais no ambiente escolar, ela rompe com a passividade e amplia as formas de participação discente ao aliar texto, imagem e criatividade. A educação antirracista exige continuidade, formação docente contínua, revisão de práticas e a abertura permanente de espaços de escuta e reflexão.

Ademais, destaca-se a relevância do PIBID na articulação entre universidade e escola pública, proporcionando aos licenciandos uma vivência formativa essencial para a construção de uma práxis comprometida com a equidade e o enfrentamento ao racismo. Como desdobramentos, sugere-se que investigações futuras ampliem o escopo das

produções analisadas, acompanhem intervenções longitudinais e investiguem a percepção dos próprios estudantes, aprofundando a compreensão sobre os processos de aprendizagem na educação.

Palavras-chave: Fanzines; Educação Antirracista; Consciência Negra; Sociologia da Educação; PIBID.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Suélen Pinheiro Freire. Expressões das culturas juvenis por meio de fanzines: análise da culminância da atividade de Sociologia no Ensino Médio. *Revista Café com Sociologia,* v. 8, n. 2, p. 31-45, ago./dez. 2019. Disponível em: https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1175 . Acesso em: 6 out. 2026.

BAMBIRRA, Natércia Ventura; LISBOA, Teresa Kleba. "Enegrecendo o feminismo": a opção descolonial e a interseccionalidade traçando outros horizontes teóricos. *Revista Ártemis*, v. 27, n. 1, p. 270-284, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v27n1.40162. Disponivel em: https://nusserge.paginas.ufsc.br/files/2020/05/Enegrecendo-o-feminismo.pdf. Acessado em: 5 de out. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: *Zahar*, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7. ed. *Petrópolis: Vozes,* 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar: microdados do Censo Escolar da Educação Básica. Brasília, DF: *INEP*, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar . Acesso em: 6 out. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb): resultados. Brasília, DF: *INEP*. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb. Acesso em: 6 out. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Microdados do Enem. Brasília, DF: *INEP*. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/enem . Acesso em: 6 out. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. Lei nº 14.759, de 21 de dezembro de 2023. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Brasília, DF, 2023.

CAMPINA GRANDE (Município). Lei Municipal nº 6.050, de 22 de junho de 2015. Institui o Plano Municipal de Educação de Campina Grande e dá outras providências. Campina Grande, PB, 2015.

CAMPINA GRANDE (Município). Secretaria Municipal de Educação. Protocolo Antirracista da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande. Campina Grande, PB, 2025.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Letramento, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: 10.1590/S0104-026X2002000100011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzines de Histórias em Quadrinhos: linguagem e contribuições à educação. Discursividades, v. 7, n. 2, p. 170-201, 2020. DOI: 10.29327/256399.7.2-7.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PARAÍBA. Lei nº 10.488, de 23 de junho de 2015. Aprova o Plano Estadual de Educação – PEE e dá outras providências. João Pessoa, PB, 2015.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Pedagógicas para o funcionamento das escolas da Rede Estadual de Ensino da Paraíba: ano letivo 2025. João Pessoa, PB: Secretaria de Estado da Educação, 2025.

PEREIRA, Ivanilson Santos. Cai ou não cai? Anamnese do CAIC José Jofilly em Campina Grande-PB. In: SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA, 3., 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2019. p. 191-197. ISSN 2176-4514.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Roberta Cordeiro. CAIC José Jofilly em Campina Grande-PB: estudos preliminares de restauro. 2020. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.